ISSN: 2358-8829

A IMAGEM DO APRENDIZADO: A FOTOGRAFIA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO

Marta Maria Minervino dos Santos [1]
Janaíla dos Santos Silva [2]

INTRODUÇÃO

A história da alfabetização costuma ser contada por meio de documentos oficiais, relatórios governamentais, memórias impressas e resultados de pesquisas. Existe, contudo, uma narrativa paralela, sensível e visual, capturada pelas lentes fotográficas: o registro das crianças em contato com a escrita, a leitura e os números. Nas últimas décadas, a história da educação ampliou o repertório de fontes consideradas legítimas para investigar as práticas escolares, e a fotografia passou a ser reconhecida como vestígio do cotidiano escolar, ao lado de cadernos, livros didáticos e documentos normativos (Burke, 2004; Kossoy, 2012). Ela registra espaços, corpos, objetos e interações que dificilmente seriam captados por outros tipos de documentos.

A capacidade da imagem, porém, não é ingênua. Kossoy (2012) lembra que a fotografia é sempre uma construção: resulta de um olhar, de um recorte e de uma intencionalidade, e por isso exige leitura crítica e contextualização. Burke (2004) igualmente adverte que as imagens são testemunhos que precisam ser interrogados, e não espelhos neutros da realidade.

Este artigo toma como objeto os registros fotográficos de práticas pedagógicas desenvolvidas em turmas de alfabetização de escolas da rede municipal de Arapiraca (AL), produzidos ao longo de 24 meses de atuação de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). As imagens retratam crianças em atividades de leitura, escrita, matemática, ciências e cuidados com a saúde, em ambientes que expõem a cultura material e visual da sala de aula: alfabetos, silabários, quadros numéricos, cartazes e jogos.

[1] Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – AL, marta.minervino@cedu.ufal.br;
[2] Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – AL, janaila.silva@arapiraca.ufal.br.

ISSN: 2358-8829

O objetivo geral é analisar a fotografia como fonte histórica e documental para a compreensão da evolução dos processos de alfabetização. Especificamente, buscamos: identificar, nas imagens, as concepções de aprendizagem que sustentam as práticas registradas; discutir a contribuição de jogos, da escrita compartilhada e do trabalho com a matemática para a apropriação do sistema de escrita alfabética e das práticas sociais de leitura e escrita; e refletir sobre os limites e os cuidados éticos do uso da fotografia como documento. O diálogo teórico se apoiou em autores como Ferreiro e Teberosky (1999), que explicam a construção da escrita pela criança; Soares (2004), com a perspectiva de alfabetizar letrando; Vygotsky (1991), com a mediação e a zona de desenvolvimento proximal; e Kishimoto (1994; 2011) e Brougère (2010), com a discussão sobre o jogo e a ludicidade. Partimos da ideia de que as imagens funcionam como um arquivo visual da memória escolar, capaz de revelar métodos, materiais e relações pedagógicas, e de vivenciar o lúdico, a manipulação de materiais concretos e a mediação docente como eixos do processo de alfabetização e letramento.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esse estudo se desenvolveu a partir da pesquisa qualitativa, de natureza documental e interpretativa, que toma a fotografia como fonte histórica. Adota-se a análise iconográfica e documental, conforme as orientações de Kossoy (2012) para a leitura de fotografias, que considera tanto o conteúdo visível da imagem (cenário, sujeitos, objetos, ações) quanto às circunstâncias de sua produção (quem fotografou, com que finalidade, em que contexto).

O corpus foi composto por fotografias do acervo do NID Alfabetização – Pibid, produzidas entre 2024-2026, em turmas de alfabetização de escolas da rede municipal de Arapiraca (AL). As imagens foram registradas pelos próprios bolsistas sob a supervisão da professora regente da turma durante o desenvolvimento das atividades, e não com finalidade de pesquisa, o que as caracteriza como registros do cotidiano pedagógico. Foram analisadas cerca de vinte imagens, selecionadas por critérios de pertinência temática (presença de atividades de leitura, escrita, matemática, experimentação, arte e saúde) e de nitidez suficiente para a leitura dos elementos visuais.

O procedimento analítico seguiu quatro etapas:

ISSN: 2358-8829

1. Inventário e organização: levantamento das imagens e classificação por eixo temático (jogos e ludicidade na leitura; escrita no quadro e individual; matemática; experimentação, arte e saúde; ambiente e cultura material).
2. Descrição: identificação dos elementos presentes em cada imagem, como materiais didáticos, disposição do espaço, mediação docente e ações das crianças.
3. Interpretação: relação entre o que as imagens mostram e os referenciais teóricos sobre alfabetização, letramento, ludicidade e mediação.
4. Crítica da fonte: reflexão sobre o recorte, a intencionalidade e os limites do registro fotográfico, em diálogo com Burke (2004) e Kossoy (2012).

Quanto aos cuidados éticos, as imagens com crianças foram utilizadas com preservação de identidade, mediante o uso de recursos de ocultação de rostos quando necessário, e recomenda-se a obtenção de autorização dos responsáveis e da instituição para a publicação. Reconhecemos que a fotografia registra momentos selecionados, geralmente os mais exitosos e visualmente atrativos, e não informa sobre o planejamento, os resultados de aprendizagem ou as dificuldades enfrentadas. Por isso, a análise tem caráter interpretativo e não pretende generalizar resultados, devendo ser complementada, em estudos futuros, por outras fontes, como planos de aula, cadernos de alunos, relatórios e depoimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, nos deixa vários caminhos para compreender o aprendizado dos alunos da educação básica no período de alfabetização, por isso ao voltarmos a visitar os registros fotográficos das práticas pedagógicas desenvolvidas em turmas de alfabetização de escolas da rede municipal de Arapiraca (AL), identificamos que várias imagens são resultados das ações ao longo de 24 meses de dedicação dos alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. Iniciamos compreendendo que a fotografia, além de ilustrar, constitui fonte histórica capaz de revelar métodos, materiais, relações pedagógicas e concepções de ensino. As imagens evidenciam a presença do lúdico, da manipulação de materiais concretos e da mediação docente como eixos do processo de alfabetização e letramento.

Os estudos da história da educação ampliaram, nas últimas décadas, o repertório de fontes consideradas legítimas para a investigação das práticas escolares. Ao lado de documentos oficiais, cadernos e livros didáticos, a fotografia passou a ser reconhecida como

ISSN: 2358-8829

vestígio do cotidiano escolar. Ela registra espaços, corpos, objetos e interações que dificilmente seriam capturados por outros tipos de documentos. Como lembra a tradição da história cultural, a imagem não é reflexo neutro da realidade: resulta de um olhar, de um recorte e de uma intencionalidade, o que exige leitura crítica.

Neste trabalho, as fotografias analisadas retratam crianças em fase de alfabetização participando de atividades diversificadas de leitura, escrita, matemática, ciências e cuidados com a saúde. O objetivo é interpretar essas imagens como fontes para a história da alfabetização, identificando as concepções de aprendizagem que sustentam as práticas registradas e discutindo sua contribuição para a apropriação do sistema de escrita alfabética e das práticas sociais de leitura e escrita.

Antes mesmo das atividades, o cenário das fotografias já informa sobre a cultura escolar. Nas paredes das salas aparecem alfabetos ilustrados com letra de imprensa e cursiva, silabários, quadros numéricos de 1 a 100, cartazes com a "palavra do dia" (com a contagem de consoantes e vogais), fichas das ordens numéricas (unidade, dezena, centena) e a ficha de sondagem utilizada como instrumento de acompanhamento dos níveis de escrita da turma. Esse ambiente alfabetizador cumpre função didática: expõe a criança continuamente à linguagem escrita, funcionando como referência para consulta e como estímulo à reflexão sobre a língua.

O alfabeto e o conjunto de sílabas na parede remetem a uma tradição de alfabetização que valoriza a relação entre grafemas e fonemas. A presença simultânea desses recursos com jogos, cartazes de leitura e atividades de produção textual sugere, contudo, uma prática que combina o ensino sistemático do código com o uso social da escrita, em sintonia com a perspectiva de "alfabetizar letrando" (Soares, 2004). Esse diagnóstico, por sua vez, indica o acompanhamento da progressão ou dificuldade dos estudantes, em diálogo com a psicogênese da língua escrita (Ferreiro; Teberosky, 1999).

Jogos e ludicidade na consciência fonológica e na leitura

Um conjunto expressivo de imagens registra atividades lúdicas voltadas à leitura. A "Raspadinha da Leitura" aparece em mais de um registro: cartazes com retângulos pretos que, ao serem raspados pelas crianças, revelam palavras (como escada, mala, bolo, cavalo, camisa). A atividade combina surpresa, movimento e decodificação: a criança só conclui a

ISSN: 2358-8829

tarefa ao ler a palavra revelada, o que confere sentido imediato ao ato de ler. Trata-se de um dispositivo motivacional que transforma a leitura de palavras isoladas em desafio prazeroso.

De modo semelhante, a atividade com fichas de adivinhação (Sou uma fruta, tenho castanha e começo com a letra C) trabalha simultaneamente a compreensão leitora, a inferência, o vocabulário e a consciência do som inicial das palavras. A criança lê pistas, mobiliza conhecimentos prévios sobre frutas e relaciona o fonema inicial à letra indicada. Já o jogo com cartões em formato de aplicativo de rede social (O pato é uma ave) aproxima a leitura de afirmativas curtas do universo digital das crianças, solicitando delas julgamento de verdadeiro ou falso e, portanto, compreensão do enunciado. Essa estratégia reconhece as práticas culturais contemporâneas como ponto de partida para o letramento.

O jogo de memória com imagens (cartas com animais, como o coelho) e a atividade em que a criança associa a palavra “pintar” a uma ficha mergulhada em líquido colorido (leitura de palavras com estímulo sensorial) evidenciam a articulação entre imagem, palavra e experiência concreta. A mediação da professora, que se inclina para a altura da criança, aponta e verbaliza, é componente central: é o adulto que organiza a atenção, formula perguntas e sustenta a descoberta, o que remete à noção de zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1991).

A relação entre jogo e aprendizagem para Vygotsky (1991), para quem usa a brincadeira como fonte para zona de desenvolvimento proximal, conforme o autor, ao jogar, a criança age como se fosse maior do que é, realizando operações mentais mais complexas do que aquelas de que seria capaz fora da situação lúdica. Para o autor, o jogo envolve regras e imaginação, e essas regras funcionam como mediadoras do pensamento, exigindo autocontrole, atenção e planejamento. A mediação do adulto ou de colegas mais experientes, característica das atividades em grupo, potencializa essa aprendizagem.

ISSN: 2358-8829

Figura 1:



Fonte: Acervo do NID Alfabetização - PIBID 2024-2026.

Conforme os estudos de Kishimoto (1994; 2011), o material lúdico cumpre duas funções: a lúdica, que proporciona prazer e escolha voluntária, e a educativa, que ensina conteúdos e amplia saberes. O equilíbrio entre elas é condição para que o jogo seja pedagógico, pois, se predomina a função lúdica, a atividade vira apenas brincadeira, e, se predomina a educativa, perde o caráter de jogo e torna-se exercício disfarçado. Também Brougère (2010) alerta que o brincar é uma atividade cultural aprendida, e que o valor educativo depende da intencionalidade e da organização do contexto pelo professor.

As fotografias de crianças escrevendo no quadro branco (listas de palavras como gelado, chapéu, vaso, rádio; respostas a perguntas de interpretação sobre um texto, com correções e acréscimos feitos pelas próprias crianças) mostram a escrita como ato público e compartilhado. Escrever diante da turma permite a socialização de hipóteses, a correção coletiva e o reconhecimento do erro como parte do processo. A atividade a partir de perguntas sobre um texto (Quem plantou o...?, O que o vovô pediu de...?) íntegra leitura, interpretação e produção escrita, indo além da cópia mecânica.

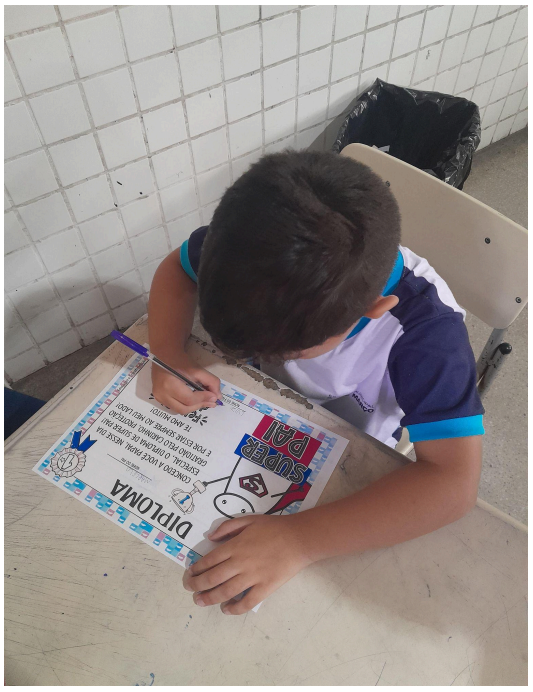
Outros registros mostram a escrita individual: a criança que escreve em folha avulsa (com a palavra higiene ao lado, ligada a um texto oral sobre higiene bucal) e o menino que preenche, com caneta, um diploma de “Super Pai” com o nome do pai e do filho. Esta última atividade é exemplar de escrita com função social e afetiva: o nome próprio e o nome de familiares figuram entre as primeiras palavras estáveis na escrita infantil e atuam como

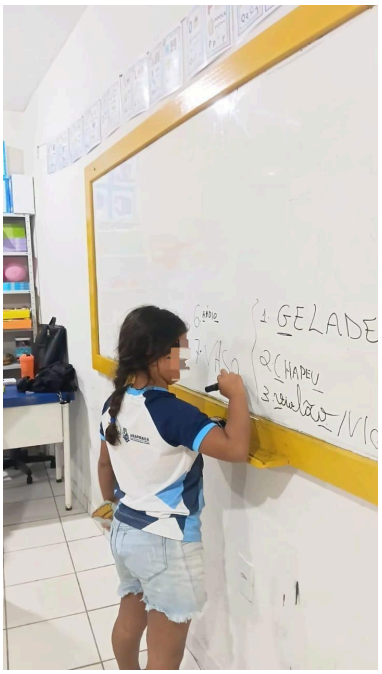
palavras-referência. Produzir um texto para destinatário real, em data comemorativa, confere propósito comunicativo à escrita, aproximando a escola das práticas sociais.

Ferreiro e Teberosky (1999) mostraram que a criança elabora hipóteses próprias sobre o funcionamento da escrita antes mesmo de dominar a convenção alfabética, e que essas hipóteses evoluem por conflitos cognitivos: quando o que a criança pensa entra em contradição com o que observa ou com o que o outro propõe, ela é levada a reorganizar seu conhecimento. Escrever palavras como gelado, chapéu, vaso ou rádio diante da turma cria justamente esse tipo de situação, pois a produção da criança fica exposta ao olhar dos colegas, que podem concordar, discordar ou sugerir alterações. A escrita no quadro torna visível o pensamento do aprendiz e o transforma em objeto de discussão coletiva.

Esse tipo de atividade dialoga com a noção de que a criança aprende sobre a escrita ao refletir sobre ela, e não apenas ao memorizá-la. Morais (2012) defende que o ensino do sistema de escrita alfabética deve levar o aluno a analisar as palavras, comparando suas partes, quantidade de letras, sílabas e correspondências sonoras. Palavras com dificuldades ortográficas, como o acento em chapéu e rádio, o dígrafo ch e o "s" de vaso com som de /z/, são ocasiões propícias para que a turma discuta regularidades e irregularidades do sistema, com a mediação do professor.

Figuras 2





Fonte: Acervo do NID Alfabetização - PIBID 2024-2026.

Letramento matemático e alfabetização

ISSN: 2358-8829

Embora a alfabetização seja frequentemente associada apenas à língua, as imagens evidenciam o diálogo com a matemática. A atividade Adivinha dos números, com post-its na lousa; o relógio multiplicativo “x2”, em que as crianças registram resultados nas posições das horas; a situação de sistema monetário, com cédulas manipuladas pela criança enquanto a professora escreve “5 + __ = 30”; e o trabalho com o livro didático sobre adições e quadros de dezenas e unidades demonstram o uso de materiais concretos e de situações de uso social do número. A noção de que ler o mundo envolve também quantificar, comparar e operar sustenta a ideia de letramento matemático como dimensão da formação inicial.

A presença do Pibid nas escolas aponta ainda para o papel formativo dessas práticas, na medida em que licenciandos experimentam, em contexto real, a articulação entre teoria e prática. Esse conjunto se ancora na compreensão de que a alfabetização matemática é o processo de interpretar e produzir os símbolos da cultura numérica com sentido, e não apenas reproduzir procedimentos (Danylux, 1998). A noção de que ler o mundo envolve também quantificar, comparar e operar sustenta a ideia de letramento matemático, entendido como o conjunto de competências para raciocinar, representar, comunicar e argumentar matematicamente em contextos diversos (BRASIL, 2018). Fonseca (2009) aproxima essa concepção da noção de numeramento, isto é, das práticas sociais que mobilizam contagem, medida e cálculo, o que reforça que o número é prática cultural e não apenas conteúdo escolar.

O uso de cédulas, post-its e quadros de dezenas e unidades dialoga com estudos sobre a construção do número pela criança. Para Piaget e Szeminska (1975) e Kamii (1990), o conceito de número resulta de relações que a criança estabelece pela ação sobre objetos, o que favorece jogos e situações concretas em detrimento de exercícios repetitivos. Na perspectiva vygotskiana (1991), a passagem do concreto ao simbólico é mediada: ao manipular as cédulas enquanto a professora escreve “5 + __ = 30”, a criança liga a ação à representação simbólica com apoio do adulto. Nunes e Bryant (1997) e Nunes, Carraher e Schliemann (1993) demonstram que crianças já possuem conhecimentos matemáticos informais, construídos em situações de compra, troca e partilha, e que o ensino é mais efetivo quando parte deles, como ocorre na simulação do sistema monetário.

O trabalho com dezenas de unidades e com a “Adivinha dos números” toca no valor posicional, um dos conceitos mais exigentes dessa etapa. Lerner e Sadovsky (1996) mostram que as crianças elaboram hipóteses próprias sobre a escrita numérica, de modo semelhante ao que ocorre com a escrita alfabética, e defendem que a aprendizagem parte da exploração de

números em contextos de uso e da comparação de escritas. O material, contudo, não basta por si: é a mediação do professor, por meio de perguntas e problematizações, que permite relacionar material, ação e linguagem matemática (Nacarato; Mengali; Passos, 2009). Smole e Diniz (2001) acrescentam que falar, ler e escrever sobre ideias matemáticas favorece a compreensão, o que se observa no registro dos resultados no relógio multiplicativo, onde aparecem igualdades como "5 + 5 = 10", ponte entre a adição e a multiplicação (VERGNAUD, 2009). O caráter lúdico dessas propostas é defendido por Grando (2004) e Smole, Diniz e Cândido (2007), desde que haja intervenção pedagógica e momentos de registro e discussão.

A presença do aparato do Pibid nas imagens aponta ainda para o papel formativo dessas práticas, na medida em que licenciandos experimentam, em contexto real, a articulação entre teoria e prática. Nóvoa (2009) defende a formação de professores em estreita relação com a escola; Schön (2000) destaca a reflexão na ação e sobre a ação; e Pimenta e Lima (2004) entendem as práticas de iniciação à docência como atividade teórica e instrumentalizadora da práxis. Gatti et al. (2014), em avaliação do programa, apontam suas contribuições para essa articulação.

Figura 3



Fonte: Acervo do NID Alfabetização - PIBID 2024-2026.

Experimentação, arte e saúde

Outras fotografias ampliam o conceito de alfabetização para além da leitura e da escrita estritas. O experimento do relógio de sol (palito fixado em massa sobre papel, com registro da sombra) introduz a observação científica, a noção de tempo e o registro por escrito de fenômenos. A modelagem e a pintura com argila trabalham a coordenação motora fina, a criatividade e a expressão, habilidades relacionadas ao controle do traçado exigido pela escrita. Por fim, o mural Morango da Leitura, composto por morangos de papel afixados em

parede, funciona como registro visível do percurso leitor da turma, estimulando a motivação e o pertencimento a uma comunidade de leitores.

Figura 3



Fonte: Acervo do NID Alfabetização - PIBID 2024-2026.

Do ponto de vista historiográfico, essas imagens documentam uma configuração específica da alfabetização no início do século XXI: a convivência entre materiais tradicionais (silabário, quadro, livro didático) e recursos criados pelos próprios docentes e bolsistas, com forte apelo lúdico e conexão com a cultura digital. Também revelam aspectos da materialidade escolar (carteiras, quadros com moldura amarela, uniformes da rede municipal) e das relações de gênero e de autoridade no espaço da sala de aula, com predominância de mulheres na mediação docente.

É necessário, contudo, ponderar os limites dessa fonte. A fotografia registra momentos selecionados, geralmente os mais exitosos e visualmente atrativos, e não informa sobre o planejamento, os resultados de aprendizagem ou as dificuldades enfrentadas. Por isso, a análise deve ser cruzada com outras fontes, como planos de aula, cadernos de alunos, relatórios e depoimentos. Cabe ainda atenção ética: a exposição de imagens de crianças demanda autorização dos responsáveis e preservação da identidade, o que se observa, em alguns registros, no uso de recursos de ocultação de rostos.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos registros fotográficos mostrou uma alfabetização entendida como processo ativo, social e lúdico, em que a criança constrói conhecimento ao manipular, jogar, escrever, ler e conversar. Jogos como a raspadinha da leitura, as adivinhas, as cartas de memória e os cartões de leitura criam necessidade genuína de ler, mobilizam a consciência fonológica e dão sentido imediato à decodificação. A escrita realizada no quadro, de forma pública e compartilhada, e a escrita com destinatário real, como o diploma de "Super Pai", evidenciam a valorização da reflexão sobre a língua, do erro como parte do processo e da função social do texto. As atividades de matemática, por sua vez, indicam que a alfabetização se estende também ao letramento numérico, por meio de materiais concretos e de situações de uso social do número.

Em todas as imagens, a mediação docente aparece como elemento central, o que reforça a leitura vygotskiana de que a aprendizagem se constitui nas relações sociais. Também se destaca o papel formativo do Pibid, na medida em que licenciandos experimentam, em contexto real, a articulação entre teoria e prática, planejando e conduzindo atividades que unem rigor didático e engajamento.

Como fonte histórica, o conjunto permite perceber permanências (o quadro, o alfabeto, as sílabas) e mudanças (os jogos temáticos, as referências à cultura digital, a formação docente em serviço) nas práticas alfabetizadoras do início do século XXI. Reforça-se, assim, o potencial da fotografia como documento para a escrita da história da alfabetização, desde que submetida a leitura crítica e articulada a outras fontes. Entre as limitações do estudo, destacam-se o recorte restrito do acervo e a ausência de dados sobre os resultados de aprendizagem. Sugere-se, para investigações futuras, a ampliação do corpus, a comparação com acervos de outros períodos e o cruzamento das imagens com depoimentos de professores, bolsistas e estudantes, de modo a aprofundar a compreensão dos modos de alfabetizar e das memórias que a escola constrói de si mesma.

Palavras-chave: História da alfabetização, cultura visual, fotografia escolar, cultura material didática.

REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.
DANYLUK, Ocsana. **Alfabetização matemática:** as primeiras manifestações da escrita infantil. Porto Alegre: Sulina, 1998.
FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

ISSN: 2358-8829

GATTI, Bernardete A. et al. **Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid).** São Paulo: FCC/Capes, 2014.
KAMII, Constance. **A criança e o número.** Campinas: Papirus, 1990.
KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
LERNER, Delia; SADOVSKY, Patricia. O sistema de numeração: um problema didático. In: PARRA, Cecilia; SAIZ, Irma (Org.). **Didática da matemática:** reflexões psicopedagógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
MORAIS, Artur G. de. **Sistema de escrita alfabética.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.
NACARATO, Adair M.; MENGALI, Brenda L. S.; PASSOS, Cármen L. B. **A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental:** tecendo fios do ensinar e do aprender. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
NÓVOA, António. **Professores:** imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.
NUNES, Terezinha; BRYANT, Peter. **Crianças fazendo matemática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2004.
SMOLE, Kátia S.; DINIZ, Maria Ignez (Org.). **Ler, escrever e resolver problemas:** habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre: Artmed, 2001.
SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, 2004.
VERGNAUD, Gérard. **A criança, a matemática e a realidade:** problemas do ensino da matemática na escola elementar. Curitiba: Editora UFPR, 2009.
VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.